

## **VER É ENXERGAR? O IMAGINÁRIO GEOGRÁFICO EM FOTOGRAFIAS DA ILHA DO CAMPECHE**

Isadora de Haro Thomé  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
isadora.thome@edu.udesc.br

Camila Benatti Policastro  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
camila.policastro@edu.udesc.br

Ana Paula Nunes Chaves  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
ana.chaves@udesc.br

### **Resumo**

A escrita desse texto busca refletir sobre a subjetivação imagética da Ilha do Campeche através do mosaico de imagens apresentado pelo Google Imagens. Ao realizar uma rápida busca nessa ferramenta de pesquisa, notamos uma tendência de imagens que simplificam a Ilha do Campeche a um único estereótipo, ao retratá-la como uma ilha paradisíaca de areias brancas e águas claras. No intuito de refletir sobre cultura visual e a educação do olhar, esse texto se baseia em pesquisas realizadas por autores e autoras como Verónica Hollman, Maria Helena Lenzi, entre outros. Destacamos a importância da cultura visual para a educação geográfica como um meio para problematizar a nossa forma de pensar um espaço e evidenciar que a educação também pode ser promovida por meio de um repertório de imagens fotográficas outras.

**Palavras-chave:** Cultura Visual; Imaginários geográficos; Educação geográfica; Ilha do Campeche.

### **Introdução**

Na contemporaneidade, é cada vez mais comum encontrar imagens que invadem nossos espaços cotidianos, seja através de fotografias que recebemos nos dispositivos móveis, nos filmes da televisão, na publicidade urbana presente nos deslocamentos para o trabalho ou a escola e nas embalagens das compras do supermercado. As imagens se apresentam em uma variedade de formas, incluem as fotografias, os vídeos, os desenhos, os mapas, as imagens de satélite, entre outras. Independente da sua manifestação específica, têm o poder de capturar a atenção daqueles que as observam. Com diversas formas, cores e expressões, essas imagens paulatinamente estabelecem uma comunicação visual com o observador ao transmitir mensagens e criar uma forma de diálogo.

Dado esse aspecto das imagens que vai além da simples percepção visual, e se apresenta como uma forma de linguagem que estabelece comunicação por meio do elemento visual, é importante reconhecer o papel educativo e subjetivador das imagens, no caso desse texto, a imagem fotográfica cibernética, enquanto um dispositivo que ativamente participa da produção de imaginários geográficos e da nossa percepção de mundo.

No contexto da geografia, segundo Verónica Hollman (2008), as imagens desempenham um papel central na geração e disseminação do conhecimento geográfico. A autora também enfatiza que a disciplina é enriquecida por um repertório de imagens que a transforma em um discurso visual sobre o mundo. Dessa forma, os imaginários geográficos, desenvolvidos a partir de imagens, fazem com que visualizemos alguns espaços mesmo sem nunca termos os visitado pessoalmente.

Nesse contexto, Gillian Rose (2013) reflete sobre o poder das imagens como criadora de mundos e de geografias próprias:

(...) as visualidades aplicadas pela produção do conhecimento geográfico nunca são neutras (sic). Elas têm seus próprios focos, zoom, seus destaques, suas limitações do olhar e sua cegueira; estes aspectos são centrais tanto para a geografia como disciplina quanto para seus sujeitos – tanto aqueles que ela estuda como aqueles que a estudam. (ROSE, 2013, p. 198).

Com base no que diz Rose (2013), observa-se que é preciso exercitar uma educação do olhar e essa educação vai além de ver uma imagem, pois, se as imagens não são neutras, logo, não falam por si mesmas. Nesse sentido, Hollman (2014) nos alerta que para além da imagem, é preciso analisar o seu contexto, tais como as palavras que as acompanham e os locais onde estão inseridas.

Quando a autora se refere aos locais onde uma imagem é veiculada, é possível mencionar os espaços virtuais, como as redes sociais, sites ou mesmo plataformas de busca, tal como o Google Imagens. O Google Imagens é uma ferramenta de busca virtual especializada em imagens oferecida pelo Google, em que, ao inserir uma palavra na barra de pesquisa e clicar em buscar, instantaneamente, uma série de imagens agrupadas em formato de mosaico é exibida como resposta.

O trabalho de Faria (2021), em sua pesquisa sobre as imagens de São Paulo nos livros didáticos de geografia do ensino fundamental, realiza um exercício de busca pela palavra São Paulo no Google Imagens e considera que os resultados apresentados são a limitação da representação dessa cidade a uma paisagem urbana “composta exclusivamente de grandes prédios, poluição e imponentes obras arquitetônicas” (p. 21).

Em movimento similar, a escrita deste texto busca problematizar o enquadramento imagético da Ilha do Campeche, em Florianópolis/SC, por meio do mosaico de fotografias apresentado pelo Google Imagens e, dessa forma, indagar: Como vemos e sentimos o espaço da Ilha do Campeche pelas imagens fotográficas? Quais são as suas ausências? Quais os interesses em propagar essas imagens? De que maneira as fotografias do Google Imagens geram uma representação visual da Ilha do Campeche? Seriam, as fotografias cibernéticas, um dispositivo capaz de subjetivar nossos conhecimentos geográficos?

### **A Ilha do Campeche em imagens**

A Ilha do Campeche é um corpo insular que faz parte de um arquipélago que circunda a Ilha de Santa Catarina, destacando-se como a maior dentre elas, com uma extensão de cerca de 50 hectares (BONATTI, 2006). A Ilha é recoberta pelo bioma Mata Atlântica e suas

formações correspondentes como a vegetação da floresta ombrófila densa, vegetação de costão rochoso e a vegetação de restinga.

A Ilha do Campeche possui um atributo que a diferencia das demais, esse atributo faz referência a grande concentração de sítios arqueológicos representados pelas oficinas líticas e gravuras rupestres. Há, também, remanescentes da caça à baleia, sinalizados como sítios históricos que registram o ciclo de exploração do óleo da baleia ocorrido no litoral catarinense durante o século XIX. Em reconhecimento a sua paisagem, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) tombou a Ilha do Campeche como Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional, no ano de 2000, por reconhecer a sua importância cultural e dos valores de memória e identidade que resguarda.

À medida que o poder público volta a sua atenção para a Ilha do Campeche, outros grupos passam também a visualizá-la. Segundo Pietro Filho (2003), a Secretaria do Estado de Apoio ao Turismo (SANTUR), assim como guias e agências de turismo, passaram a divulgar a Ilha do Campeche como um ponto turístico de Florianópolis, o que fez com que aumentasse de forma vertiginosa a procura de visitantes pelo local.

Assim, a Ilha do Campeche passa a ser promovida sob a influência e interesse daqueles que desejam usufruir de seu potencial turístico e de promovê-la de acordo com um determinado padrão. Portanto, cabe investigar de que forma a Ilha do Campeche é apresentada em veículos de divulgação, como no buscador Google Imagens.

Ao inserir o termo Ilha do Campeche no buscador, imediatamente, aparecem uma série de imagens que retratam um cenário insular com areias brancas e águas cristalinas. As imagens fotográficas criam espaços dentro de um imaginário e limitam a Ilha do Campeche à essa representação. De acordo com Queiroz Filho e Zacché (2014), cria-se um clichê imagético que é definido pela recorrência de uma imagem atribuída a um certo local.

No contexto da recorrência de imagens que restringem a Ilha do Campeche apenas à sua representação praial, mesmo dentro desse cenário, alguns elementos são retirados de cena. Lenzi (2010), em sua dissertação, versa sobre a relação entre imagem e ausência. Segundo a autora, a imagem “é a própria evidência de algo que está ausente, pois ela não somente representa algo, mas representa a própria ausência” (p. 14).

Hollman (2008) nos alerta que nas imagens, embora uma forma de representação do real, não se tratam de uma cópia fiel da realidade, estão inseridas algumas ausências. Dessa forma, no que se refere ao clichê imagético da Ilha do Campeche, se ausentam dessas representações todo um cotidiano ilhéu, há ausências dos visitantes desembarcando na ilha, os funcionários do restaurante descarregando os peixes do cerco de pesca, dos quatis roubando comida de turistas na praia, dos monitores correndo na areia, o barulho do apito ecoando no ar, a bandeira do Brasil hasteada no meio dos galhos de uma figueira, sinalizando que o Lageano está em casa, não há o bom dia da Dona Elza e do Bacalhau, entre tantas outras ausências. Imagens, cores e sons estes que representam, também, a Ilha do Campeche.

As ausências também se refletem na experiência dos visitantes no local que, às vezes, não conseguem encontrar a mesma cena retratada nas representações. Alguns chegam até a expressar sua insatisfação quando dizem: “A água não está tão azul como na foto que eu vi”. Em um caso isolado, em 2018, uma visitante pediu reembolso por se sentir enganada em

relação à cor da água. O filósofo Byung Chul-Han (2018) também percebe tal fenômeno na sociedade atual e enfatiza que a mídia digital faz com que as imagens pareçam mais vivas e bonitas do que a realidade percebida, nos apresentando como uma realidade otimizada e nos tornando refém do real. A realidade é que, por se tratar de um ambiente natural, a cor da água varia conforme as condições meteorológicas, ao contrário das imagens encontradas no Google Imagens, que sempre mostram um mar com tons de azuis caribenhos.

### **Conclusões**

A cultura visual e sua influência na educação geográfica avança para além de uma simples representação do real, pois trata-se de um repertório de imagens, um conjunto de discursos visuais, que nos auxiliam a construir nossas percepções de mundo. No caso da Ilha do Campeche, em Florianópolis/SC, ao refletirmos sobre suas fotografias dispostas no Google Imagens, somos conduzidos a reconhecer a Ilha sob uma única narrativa visual: um paraíso de areias brancas e águas cristalinas.

Ao longo dessa escrita, não tivemos como objetivo discorrer sobre a veracidade dessas imagens, uma vez que as imagens não podem ser consideradas mentirosas, embora tenham sido recriadas seguindo focos, zoom e destaques específicos de quem as produziu. A Ilha do Campeche, de fato, é um local muito bonito, mas a sua beleza paisagística não é a sua única forma de representação.

Por meio da contribuição de diferentes autores e autoras que investigam o poder das imagens na construção de imaginários geográficos, torna-se necessário compreendê-las como providas de intencionalidades. A prática de analisar as imagens nos permite desenvolver uma leitura mais minuciosa de cada representação, além de problematizar suas ausências na interpretação de seus contextos.

### **Referências**

BONATTI, Juliano. **Uso e seleção de hábitat, atividade diária e comportamento de Nasua Nasua (Linnaeus, 1766) (Carnivora; Procyonidae) na Ilha do Campeche, Florianópolis, Santa Catarina.** 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ecologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Florianópolis, 2006.

FARIA, Mario André Corrêa de. **Pensar o espaço com e pelas fotografias: a cidade de são paulo nos livros didáticos de geografia do ensino fundamental.** 2021. 80 p. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

HOLLMAN, Verónica. Geografía y cultura visual: apuntes para para la discusión de una agenda de indagación. **Estudios Socioterritoriales: Revista de Geografía, Buenos Aires**, v. 7, p. 120-135, julho-dezembro, 2008.

HOLLMAN, Verónica Carolina. Los contextos de las imágenes: un itinerario metodológico para la indagación de lo visual. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 36, p. 61-83, julho-dezembro, 2014.

HAN, Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2018.

LENZI, Maria Helena. **Das imagens à ausência. Das imagens, a ausência**: um estudo geográfico sobre a ilusão do tempo nas imagens de Florianópolis. 2010. 117 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PIETRO FILHO, João Eduardo di. **Ilha do Campeche**: a importância do estudo de capacidade de carga. 2003. 83 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos; ZACCHÉ, Vitor Bessa. Cidades sob clichê imagético: imaginação espacial e experimentações em poesias visuais. **Revista Eletrônica Georaguiaia**, Barra do Garças - MT, v. 4, n. 2, p. 81-96, julho-dezembro. 2014.

ROSE, Gillian. Sobre a necessidade de se perguntar de que forma, exatamente, a geografia é “visual”? **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 33, jan./jun. de 2013. 197-206 p.